

Ética é diferente de moral?¹

Ursino Neto

“...ética do cuidado de si...o exercício de si sobre si pelo qual alguém tenta se elaborar, se transformar para chegar a certo modo de ser...”
(Michel Foucault)

SUMÁRIO

- 1 Considerações preliminares
- 2 Resgate histórico-filológico dos conceitos de ética e de moral
- 3 A moral é usada como um costume que torna a convivência social humana justa?
- 4 A ética é usada como um exercício que torna o ser humano melhor e feliz?
- 5 Considerações finais

1 Considerações preliminares

O tema da ética e da moral é pertinente a toda cultura humana desde os seus primórdios, pois, por intermédio dele, o ser humano estabelece uma relação de convivência consigo mesmo e com os outros.

Para a cultura ocidental, o apogeu do pensamento filosófico clássico na Grécia, entre os séculos V e IV a. C., demarcou as principais linhas desse campo temático.

O acontecimento considerado como fonte originária foi o debate entre Sócrates e os sofistas (especificamente, Protágoras) sobre o ensino da *areté* em torno do século IV a.C. em Atenas.

O termo grego *areté* chegou até a língua portuguesa por intermédio do latim com uma tradução limitada: virtude.

Na origem, a palavra *areté* designava a “excelência”, a “força interior”, a “perfeição” ou o “melhor valor” de alguém ou de algo.

A qualificação expressa neste “melhor valor” constituía a plenitude do ser (deste alguém ou deste algo).

Para o ser humano, adquirir a *areté* era modelar a sua forma de vida (em grego, *bíos*), tornando máxima a potência do seu *Ethos*, em outras palavras, da força que lhe era própria².

O sentido de adquirir a forma ideal de ser humano era o principal valor ético.

Assim, na origem, a ontologia (o estudo do sentido do ser) e a dimensão ética estavam jungidas.

Entretanto, ainda hoje se confunde termos e conceitos relativos ao contexto da ética com aqueles que se aplicam ao plano da moral.

Talvez, isso tenha sido ocasionado pelo uso inadequado da tradução, ao longo da história, gerando o equívoco interpretativo dos étimos das duas línguas matrizes envolvidas: o grego e o latim.

O objetivo do texto didático é esclarecer que a bioética produzida no nosso módulo como *ética-da-vida* ou *aionética* concerne à dimensão ética e não à moral.

¹ Texto para o Encontro 5 (Graduação 2021.1): uma referência para produzir o exercício ético da invenção de si.

² Cf. JAEGER, W. *Paidéia: a formação do homem grego*. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

Faremos um breve resgate etimológico para a compreensão adequada.

2 Resgate histórico-filológico dos conceitos de ética e de moral

A circunscrição do campo que se investiga advém da transliteração de dois substantivos gregos: *ēthos* (ἦθος – com a vogal *eta* [η] inicial) e *ethos* (ἔθος – com a vogal *épsilon* [ε] inicial).

As duas grafias quase homófonas e homógrafas existentes na língua grega originaram linhas de pensamento ou eixos de interpretação distintos.

O primeiro termo *ēthos* significava, no grego arcaico, um local de abrigo, uma habitação tanto do homem (casa) como de animais (estábulo).

A partir do século V a.C., com a elaboração do pensamento filosófico sobre a condição humana, o vocábulo adquiriu o valor de “abrigo interior”, ampliando a sua semântica para indicar o caráter do indivíduo, a sua peculiaridade, o seu modo de ser, relacionando-se com a sua forma de vida.

Didaticamente, ele será grafado daqui em diante com o E maiúsculo (*Ethos*).

Já o segundo *ethos* se referia ao comportamento humano do hábito. Este, geralmente, associado a uma diretriz orientadora do costume, isto é, um componente, um traço característico da cultura que se fará um pertence do próprio indivíduo por meio do ato repetitivo e, “naturalmente”, internalizado pela educação.

Aristóteles (384 a.C.-322 a.C.), discípulo de Platão (428 a.C.-348 a.C.) por vinte anos, foi o filósofo responsável pela sistematização do conhecimento relativo ao campo temático em estudo³.

Atenção para os seguintes pontos:

A interpretação gramatical do campo filosófico grego clássico estabelece dois polos que se conjugam para expressar o “fenômeno da ética” como um conjunto de conceitos integrados e inter-relacionados.

A língua grega é constituída de declinações e as palavras mudam a sua estrutura de acordo com a função na frase, também chamado caso: nominativo, genitivo, acusativo, dativo etc.

O substantivo indica o caso nominativo e, a partir dele, se constituem os outros termos funcionais da frase, dependendo da sua aplicação no contexto, isto é, quando se trata de objeto direto, de objeto indireto, da designação da origem ou do pertencimento etc.

Exemplificando com o substantivo *ethos*, de cuja raiz (*eth*) deriva termos com a desinência terminando em *iká* ou *iké*, como nas palavras *ethiká* ou *ethiké* que são qualificativos.

Assim, tais palavras gregas quando traduzidas para o português, dependendo do contexto da frase, são interpretadas como adjetivo ou complemento nominal.

Em grego, o “fenômeno ético” é designado no caso genitivo.

Ou seja, trata-se de uma declinação, um caso gramatical indicando uma relação de pertencimento, de posse ou de origem.

O primeiro *Ethos* indica um pertencimento à interioridade (*genitivo subjetivo*) e o segundo *ethos* designa um pertence da exterioridade (*genitivo objetivo*).

Tal declinação não existe na língua portuguesa; entretanto, o seu correlato de significado se expressa por intermédio das preposições *de*, *do(s)* e *da(s)*. Exemplos: o livro de Eli, a ética-da-vida, os PensArteCorpos das Equipes etc.

A concepção grega filosófico-linguística de *Ethos* e *ethos* foi traduzida em torno do século I a.C.⁴ para o latim que, sendo também uma língua com declinações, a incorporou em seus próprios casos. Exemplos: *mos*, *mores*, *moris*, *moralia* etc.

³ Cf. ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. 4ª ed. São Paulo: EDIPRO, 2014.

Esta é a explicação, a justificativa de se encontrar nas línguas neolatinas, como o português, a palavra moral que, óbvio, não é grega.

Os dois termos ética e moral são utilizados nas línguas contemporâneas; entretanto, às vezes, de modo confuso ou incoerente.

Na língua portuguesa, o substantivo moral é antecedido por artigo ou preposição para designar as diferentes acepções dos substantivos gregos *Ethos* e *ethos*.

De acordo com Cesar Candiotto⁵, o pensamento filosófico inventou um artifício para abrigar e respeitar a distinção entre ética e moral.

O substantivo grego *Ethos* (caráter, modo de ser) tornou-se a referência para interpretar a ética; enquanto, o outro *ethos* (costume, hábito social) ficou relacionado com a moral.

Para melhor compreensão didática e usando termos atuais, se diz: o *Ethos* concerne à subjetividade, à condição interior individual, à singularidade do ser humano.

Enquanto o *ethos* se refere à exterioridade social, aos costumes da cultura, aos hábitos, aos códigos, às normas, às regras que direcionam o comportamento de uma pessoa, grupo ou comunidade.

Portanto, embora os dois étimos possibilitem a interpretação de significados diferentes, para nós, o campo ético é o conjunto que os entrelaça.

3 A moral é usada como um costume que torna a convivência social humana justa?

De início, duas observações:

A primeira, aqui se compreenderá o verbo usar com o significado do grego *chresthai* a partir da leitura de Giorgio Agamben⁶ que o aplica não no sentido de “servir-se de” ou de “utilizar algo”, mas designando uma relação estreita, um vínculo entre o sujeito e algo intimamente relativo a ele.

A expressão verbal *chresthai* ocorre no genitivo (ou no dativo⁷), manifestando a relação que se tem consigo.

A segunda observação será interpretar a moral como um genitivo objetivo porque está relacionada ao conceito de valor aplicado à exterioridade.

O que é o valor?

Valor é interpretação. Interpretar é atribuir, determinar, estabelecer um significado para algo (qualquer coisa real ou imaginária) fazendo dele derivar um sentido.

Compreender, conhecer, explicar a natureza daquele algo e estabelecer o seu valor são atos inter-relacionados, porém distintos.

O comando, o poder de uma interpretação pertence ao sistema de pensamento hegemônico capaz de determinar o valor em algum momento da história.

A moral é um sistema de valores. Ela atua por meio dos dispositivos da cultura.

Cada cultura produz a sua moral como um conjunto de referências ou signos concernentes à interpretação, à explicação ou à justificação de um fato ou de um acontecimento, estabelecendo o seu valor.

Ou seja, as morais são múltiplas e distintas no contexto da realidade social; são concebidas como forças buscando a hegemonia e para atingir o seu escopo, ora algumas se agregam, se entrelaçam; ora outras colidem em conflito.

⁴ Há relatos indicando Cícero (filósofo e político romano) como o tradutor do livro *Ética a Nicômaco* naquela época.

⁵ Cf. CANDIOTTO, C. (Org.) *Ética: abordagens e perspectivas*. 2ª ed. Curitiba: Champagnat, 2011.

⁶ Cf. AGAMBEN, G. *O uso dos corpos*. São Paulo: Boitempo, 2017.

⁷ Dativo é o caso que indica o nome de algo, designa o objeto indireto ou um complemento nominal.

Em qualquer campo da cultura (filosofia, religião, ciência, política, arte etc.) há interpretações intrínsecas divergentes sobre a moral de acordo com a época, com as instituições e com os diferentes pensadores.

Tradicionalmente, a moral ao se expressar nos costumes característicos de uma cultura, faz deles critérios para avaliar tanto condutas individuais quanto atividades sociais.

O manto moral instaura o adestramento, o controle, a normatização e a normalização do indivíduo e dos grupos sociais por intermédio das instituições como escola, igreja, caserna, hospital, prisão etc.

A moral é utilizada, com frequência, como instrumento da cultura atuando coercitivamente, impondo uma série de interpretações cuja incorporação pelo homem poderá atingi-lo em um grau de magnitude danosa para a sua vida.

Entretanto, no saber da *ética-da-vida* ou *aionética*, como atitude a ser incorporada, será considerada a crítica do filósofo Michel Foucault à configuração da subjetividade humana posta no conceito de “assujeitamento” e o seu contraponto investido em resiliência e resistência do indivíduo elaborado no processo de “subjetivação”⁸.

Em síntese, o conceito de moral se expressa na força determinante das instituições da cultura quando atuam normatizando a vida humana por intermédio da tradição dos costumes, dos hábitos, das regras, dos códigos, dos discursos etc.

Sendo o direito uma fonte originária da moral e tendo como princípio a justiça, faz sentido o questionamento que se fez no título deste tópico.

Em outras palavras, por que a moral não propicia ao ser humano o bem-comum? Isto é, promovendo uma convivência justa entre eles, de respeito mútuo e também à natureza.

4 A ética é usada como um exercício que torna o ser humano melhor e feliz?

Sócrates é considerado um personagem exemplar da filosofia, um marco divisor do pensamento antigo em antes e depois dele. O que de tão significativo para a cultura ocidental produziu ele?

Sem dúvida, o arcabouço originário dos exercícios éticos, os exercícios da experiência de si ou do cuidado de si.

Lembrando: Sócrates nada deixou escrito, o que se conhece do seu pensamento é o legado dos seus discípulos, o principal: Platão.

Em linhas gerais, observando-se a limitação de um texto didático, se resume a extraordinária contribuição “socrático-platônica” à elaboração e ao desenvolvimento do projeto que conduzia a natureza do homem à realização do seu ser ao praticar o exame de si próprio.

O exercício era pautado no pensamento (*logos*), tendo como referência a concepção do Bem. Por meio dele seria possível adquirir a *areté*, tornar-se melhor e atingir a felicidade.

O que fundamenta esta convicção?

A resposta é inequívoca: a dimensão ética (do *Ethos*) como uma capacidade racional constituindo a essência do ser humano.

Assim, o “melhor modo de ser” de um indivíduo tem início com o “autoexame” da *psyché*⁹: este é o caminho pelo qual se pode chegar à “perfeição” e à “harmonia” com a natureza do universo, isto é, encontrar-se em *eudaimonia* que se traduz por felicidade.

Também aqui se trata de uma tradução inadequada do grego porque o significado originário da palavra *eudaimonia* era “ter um”, “participar de” ou “pertencer a um bom *daímon*”¹⁰ com o sentido de viver feliz, ter uma vida boa.

⁸ Esse processo será escandido em texto didático posterior.

⁹ *Psyché* se traduz como “alma”, sendo origem etimológica da palavra contemporânea *psicologia*. Evidentemente, o significado de alma para o grego não corresponde à mesma expressão do termo para a teologia da Igreja Católica.

A partir disso se desvela o “discurso socrático” como um fenômeno cultural novo e uma mudança paradigmática de valor: o homem pode alcançar a *eudaimonia* pelo domínio completo sobre si mesmo, de acordo com a ordem encontrada no exame da sua própria alma.

O que de relevante eclodiu desta nova concepção?

Um método, uma experiência inquirindo e enfatizando o valor do conhecimento: o “conhece-te a ti mesmo” (em grego, *gnôthi seauton*; em latim, *temet nosce*).

Embora este lema não fosse uma invenção de Sócrates porque era um preceito da sua cultura, pois se encontrava escrito no pórtico do templo do deus Apolo em Delfos, o seu ato de problematizá-lo possibilitou a eclosão de uma nova perspectiva e fez emergir um princípio como valor que justificava viver.

Para isso, era necessário que o indivíduo examinasse a sua conduta e discernisse sobre o principal conhecimento que vinculava alma e *areté* por intermédio de um “exercício de reflexão intelectual”.

Uma frase atribuída a Sócrates – “uma vida sem exame não merece ser vivida” – pode ser interpretada como uma síntese analítica referente à relação entre a vida e a formação do *Ethos*.

O essencial era o produzido no exercício do “cuidado de si”¹¹ como o princípio fundante, o valor com significado e sentido que justificava a vida de cada um.

Então, é pertinente o problema que titula e descortina este tópico: por que ética não é o exercício que produz um ser humano melhor e feliz?

5 Considerações finais

Ética e moral são palavras de línguas distintas (grego e latim) que designam um amplo campo da cultura, estabelecendo uma relação característica entre a interioridade do ser humano e o seu mundo, o seu derredor, a sua exterioridade.

Cada cultura estabelece os seus valores como princípios e também como normas, regras, leis etc. Estas constituem os seus códigos morais, os quais são utilizados como parâmetro para distinguir entre o certo e o errado, o permitido e o proibido, o bom e o ruim, o legal e o ilegal no contexto da vida cotidiana.

Agir somente em função do legalmente permitido, cumprindo normas e decretos, é insuficiente para caracterizar a dimensão ética, pois nem sempre as leis, decretos e normas jurídicas vigentes constituem um desdobramento de princípios éticos; ao contrário, com frequência, elas são elaboradas atendendo interesses econômicos, políticos, corporativos, religiosos ou de pequenos grupos.

O critério para interpretar a “eticidade” de uma ação não se pauta pelo próprio limite da lei, daqui se conclui que a expressão “código de ética” é um equívoco, é inadequada conceitualmente, pois o ético jamais pode ser circunscrito somente à determinação legal.

A nomenclatura coerente é código de moral porque expressa historicamente o permitido ou proibido de um determinado comportamento. Exemplos: código de moral da medicina, código de moral da enfermagem, código de moral da odontologia etc.

A crítica de Friedrich Nietzsche ao valor dos valores morais da cultura ocidental supera e desvela tanto uma desconstrução daqueles considerados naturais e perenizados pelo poder institucional, como possibilita uma abertura para a invenção de novos emergindo no espaço vazio deixado por aqueles considerados ineptos para o ser humano.

A ética é inerente à relação do ser humano com a própria singularidade, com o modo de ser autêntico, com o seu caráter, o seu si.

O nosso módulo é sobre bioética compreendida como uma relação entre vida e ética (e não moral).

¹⁰ No texto didático sobre *ética-da-vida* ou *aionética* se interpretará o significado de *daímon*.

¹¹ Cf. FOUCAULT, M. *Hermenêutica do sujeito*. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.